

VIVA VERDI, UM GRITO DE GUERRA

HOMENAGEM AO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE

GIUSEPPE VERDI (1823-1901)

Hélcio Pupo RIBEIRO

Segundo vários musicólogos, é costume dividir a obra de Giuseppe Verdi em três períodos: o primeiro é o de um aprendiz de boa vontade, seguindo modelos estabelecidos por Donizetti e Bellini. Procura definir sua personalidade e estilo musical. O segundo estágio rendeu-lhe as primeiras óperas célebres, destacando-se “Il Trovatore” e “Aida”, obras muito ricas em qualidade musical e inspiração melódica, num esforço admirável no plano de interpretação com grande unidade entre libreto e música. O terceiro revela novos limites. Nesta fase, produziu apenas duas obras: “Otelo” e “Falstaff”, as maiores de sua importante carreira, baseadas em Shakespeare. “É um brilhante compositor lírico, dos maiores gênios dramáticos da história da ópera”. (David Ewen).

Ele nasceu em Roncole, província de Piacenza, Itália, às 8:00 h da manhã do dia 12 de outubro. Foi registrado com o nome de Joseph Fortunin François Verdi, porque Piacenza estava ocupada pelas tropas de Napoleão e era, então, considerada território francês. Nesse mesmo dia, às 9:00 h, recebeu na pia batismal o nome de Joseph François Verdi. Estavam presentes seus pais Carlo Verdi e Luiza Utini.

Em 1825 Tocava órgão na igreja local, ainda um menino de 12 anos. Com 19 anos é recusado por imaturidade no Conservatório Musical de Milão, e passa a estudar com o professor Lavigna. Em 1836 depõe Marguerita Barezzi. Três anos após termina “Oberto, Conde de San Bonifácio”, sua primeira ópera, apresentada em novembro de 1939. Um fiasco. Tinha 20 anos.

1840 foi trágico para o jovem músico: perde, simultaneamente, a esposa e dois filhos. Arrasado mas disposto, estréia novo trabalho, “Un Giorno di Regno” que é apresentado em Milão. Mas, sormente em 1842 surge o primeiro sucesso operístico com “Nabuco”. Rompe relações com Mereli, amigo, empresário e, então, sócio. Ainda abatido pela perda da família, vai para Busseto, cerca de 50 km de Roncole. No entanto, Verdi não resiste ao apelo cultural da cidade grande, retorna à Milão e aceita, após muita insistência, o libreto de “Nabucodonosor, que Merelli enfiara no bolso de seu capote.

À noite, em casa, ao despir o abrigo, jogando-o descuidadamente sobre uma cadeira, o libreto abriu-se no “Coro dos Escravos Hebreus”... “Vá pensiero, sull’ale dorate” (Voa pensamento sobre asas de ouro)...

Levada a cena no Scala de Milão, na noite de 9 de março de 1842, “Nabuco” foi o seu primeiro triunfo.

Nessa época une-se à soprano Giuseppina Streppone, cantora do Teatro Scala. Atuou em “Nabuco”(soprano).

Ela vai ser sua fiel companheira e animadora por muitos anos.

Com quase trinta óperas, “o lugar de Verdi na história da música está assegurado. Ele não foi apenas o maior de todos os compositores italianos de óperas, mas, um dos maiores de qualquer país, merecendo ser colocado entre Mozart e Wagner”. “Verdi foi a última grande figura da cena lírico-dramática da música italiana e com ela finda a linhagem iniciada por Monteverdi”, escreveu Paul Lang.

Por razões mais que óbvias não abordaremos, neste comentário, todos os seus trabalhos para o palco, No entanto, forçoso é analisar as obras principais, mais divulgadas e aplaudidas.

No ano de 1847 surge “Macbeth” inspirada em Shakespeare, com libreto de Francisco Maria Piave, apresentava em Florença. Em 1865, revisada, foi encenada em Paris.

É uma injustiça não haver esta obra sido valorizada, apesar de sua elevadíssima qualidade e, sim outras, o que outorgou a fama definitiva do autor. É possível que a linguagem do século XIX não tenha facilitado a expressão da profundidade abismal da natureza humana, como a que mostra o texto shakespeariano”, informa Kurt Pahlen. “As exigências do papel de Lady Macbeth são enormes; as que emanam do canto somam-se as já tremendas do original

dramático". Isto explica, com certeza, as poucas apresentações desta obra prima.

Trabalhando sobre o texto de Francesco Maria Piave, inspirado no romance de Vitor Hugo, "Le Roi S'Amuse", "Rigoletto" foi estreada em Mantua, no ano de 1851, causando novo sucesso do compositor. Interessante ressaltar que o escritor francês não tinha o mínimo prazer de ouvir ópera. Porém, bastou o tenor interpretar a conhecida ária "La Donna è mobile" para que o teatro "La Fenice", em Veneza, viesse abaixo. Vitor Hugo considerou-se inteiramente derrotado.

"Rigoletto" é um maravilhoso conjunto de primores melódicos. Repare-se na romanza da soprano Gilda, "Caro Nome". O monólogo do baixo "Pari Siamo – Lei com L'Spada e Io com la Lengua" (Somos iguais – você com a espada e eu com a lingua). Imprecação terrível, plena de grande dramaticidade, completada integralmente no final: "Gilda, mia... Gilda, ah! Maledizione"(Gilda, minha Gilda, a! Maldição!). Esta frase adquire mais força depois de ouvida a picaresca e brilhante tarantela: "Questa o quella..."(Esta ou Aquela...), na qual critica a vulgaridade da mulher, (tenor e soprano).

Dois anos depois é a vez de "Il Trovatore" (O Trovador). Texto de Salvatore Cammarano, apresentada no Teatro Apolo, em Roma em janeiro de 1853. O texto de Cammarano é baseado no dramalhão do espanhol Antonio Garcia Gutierrez, de exagerada e vazia eloquência para os dias atuais. Não obstante "O Trovador" é autentica colcha de retalhos saborosa. Exemplos: são: "Miserere", "Stride la vampa" (Brada a chama) ária de Azusena (meio soprano) cigana condenada à fogueira; os coros dos Ferreiros e dos Soldados e no final do 4º ato a bela ária "Il Ballo Del suo Sorriso" (bailar do seu sorriso) cantada pelo Conde de Luna (baritono).

Foi mal recebida na estréia, pelos críticos e parte da assistência, sob a alegação de pobreza lírica. Verdade que a época do bel'canto passou, mas em apresentações sucessivas, o público mostrou-se mais perspicaz do que os "expert" pois, enfrentando a enchente do Rio Tibre, chafurdou-se lama para entrar no Teatro, onde mais prevaleceu o aplauso geral, prodigalizando ao compositor calorosas ovações.

Antes de suas récitas, foi ouvida em Nova York, Paris e Londres.

A torrente criadora do grande mestre não se exauriu. Entretanto, não é possível negar que o primeiro sucesso de Verdi foi a ópera “Nabuco”.

Ainda no mesmo ano (1853) é apresentada “La Traviata” (A Transviada) no Teatro “La Fenice”, Veneza, calçada no romance “A Dama das Camélias” de Alexandre Dumas. Recebida como obra de ruptura, não repetia as representações “históricas”. No palco os atores usaram a mesma indumentária que o público da platéia e sentiu-se decepcionado com os trajes dos cantores. E mais, “La Traviata” abordava tema algo escandaloso: a vida de uma mulher de conduta irregular, uma cortesã de Paris.

Amargurado, Verdi escreveu ao amigo e secretário Emmanuele Nuzio: “O erro foi meu ou dos atores?”. “O tempo dirá.” O problema, no entanto, residia na soprano Fany Salvini Donatella, de bons dotes vocais mas gordíssima, e que contrariava a personagem “Violeta”, pequena, frágil e tuberculosa. Apesar do momento trágico que se dá no final, quando o médico dá a sentença fatal. Não restam mais que poucas horas para a bela dama. A platéia explodia em risos.

Nas representações seguintes, entretanto, a ópera mostrava as suas qualidades musicais e conseguiu consolidar seu amplo êxito. Verdi já havia escrito 18 óperas.

No ano de 1871 vemos surgir um dos maiores triunfos de Giuseppe Verdi: “Aida”. Absolutamente consagradora. “Aida” tem quatro atos, com libreto de Antonio Ghislanzoni, aproveitando de Camille Du Locle e Mariette Bey. Foi escrita a pedido de Quediva Ismael Pachá e montada para o Teatro Lírico Italiano do Cairo, que comemorava, também, as festividades de abertura do Canal de Suez, obra sugerida pelo egiptólogo Mariette Bey e realizada pelo arquiteto francês Ferdinand Lesseps.

Seria preciso reiterar ainda que foi por meio de “Va Pensiero” “Nabuco”, que o célebre músico soube expressar os anseios nacionalistas de independência e liberdade. Nenhum italiano que ouvisse aquele coro-hino “Va Pensiero”, deixaria de se identificar com os rebeldes e logo se tornaria uma das melodias mais populares da época. O povo, arrebatado pelo entusiasmo da causa, adotou o empolgante coral como palavra de ordem, verdadeiro grito de guerra: “VIVA VERDI”. Isto significava: V.E.R.D.I. (Vittorio Emmanuele Re D'Italia).

As duas últimas óperas de Verdi são: “Otelo” e “Falstaff”, ambas baseadas em Shakespeare, gênio da literatura universal, fonte inesgotável de sabedoria.

“Otelo”, com libreto de Arrigo Boito, causou sensação na estréia, em 1887, no L’Scala de Milão, apresentado no elenco a figura de Francesco Tamagno, laureado tenor italiano, um dos maiores expoentes da música lírica da época. Foi ele que criou a mais dramática interpretação do personagem “Otelo”. Nesta obra, diz o crítico Streatfield: “... o compositor relevou à culminância de liberdade extrema com que jamais sonhara”. Ao lado do tenor Tamagno, “Otelo”, general mouro do exército Veneziano, Eva Tetrazini, soprano (Desdêmona), mulher branca de Otelo, Cassio, tenor (lugar tenente de Otelo) e “Iago”, figura trágica e sinistra, como alferes de “Otelo”. A história apaixonante de “Otelo” pela sua linda esposa “Desdêmona” e de desvairado ciúme, que o levou a matá-la, forma o contexto altamente patético da colossal obra prima verdiana. No auge de sua capacidade criadora o músico tinha como colaboradores, não só o poeta inglês, nascido em Stratford-On-Avon, como Boito, também poeta e eminente compositor que versou cerca de 3500 versos (na ópera, pouco mais de 800). A propósito, Verdi havia se imposto auto silêncio, insistindo em não mais compor para o palco. Assim, foi exclusivamente devido ao altamente trágico teor do libreto de Boito que voltou ao teatro com “Otelo”, rompendo dezenas de anos de jejum operístico. “Otelo” restituiu Verdi à luz da ribalta e novamente ele se mostrou como um duas décadas anteriores, o mais importante dos compositores italianos de sua época”. (D. Ewen).

Grandes momentos de relevância Lírica: o “Credo” de Iago, no primeiro ato; o “Brinde de Dueto de Amor” de Desdemôna e Otelo. No final, a ária “Venga La Morte” (Morte de Otelo), a canção do “Salgueiro” e “Ave Maria”(Desdemôna).

O coroamento deste esplêndido rosário de obras primas vem com FALSTAFF em três atos, libreto excelente do amigo e colega Arrigo Boito (1842-1918), literato, musicólogo, compositor, poeta e dramaturgo, sobre o qual falaremos oportunamente.

“Falstaff” é de 1893. Baseado em Shakespeare, foi novamente libretada por Arrigo Boito, valendo-se da obra ‘The Merry Wivez of Windsor’ (As alegres Comadres de Windsor). Estreou no Scala de milão em 9 de fevereiro. No Brasil foi apresentada duas vezes,

simultaneamente, no mesmo dia e na mesma hora, o que comprova dois elencos: No Rio de Janeiro (Teatro Lírico) e São Paulo (Teatro São Pedro). Tais representações se deram na noite de 29 de julho, isto é, 172 dias após a estréia mundial. Em Buenos Aires foi representada no antigo Teatro de Ópera, em 1893, mesmo ano da estréia. No Colón, foi cantada em 1912.

Recorrendo à obra de Gustave Kobbe (N. York, 1857) temos: “Se a composição de Otelo foi cercada de mistério, muito mais secreto foi o processo de criação de Falstaff. Até o fim Verdi sustentou que compunha nova ópera para seu próprio prazer, sem qualquer intenção de apresentá-la ao público. O velho compositor parece ter dado os últimos toques na partitura com imensa tristeza, convencido de que encerrava a sua carreira. Ele não comporia nenhuma outra ópera, mas sim outras peças, de cunho religioso: “Quattro Pezzi Sacri” que dariam, ainda, testemunho de sua energia criadora.”

Falstaff é um dos fenômenos da ópera mundial, uma comédia irresistivelmente alegre que não parece ter saído da pena do grande mestre, ainda que amparada no incomparável Shakespeare. Constitui, por si só, um extraordinário milagre ocorrido pela força do amor. Outro exemplo dessa benéfica influência é o arrojo dado ao término da ópera, quando o compositor faz, ousadamente, uma fuga a oito vozes. O elenco da monumental obra exige vozes superlativas: Sir John Falstaff (barítono ou baixo); Ford (barítono); Fenton (tenor); Dr. Cajus (tenor); Bardolfo (tenor cômico); Pistola (baixo cômico); Sras. Quisly e Meg Page (meios-sopranos); taverneiro, pagem de Ford, burgueses, povo, máscaras, fadas e duendes.

A ação se dá durante o reinado de Henrique IV, na Inglaterra (1367-1413), na cidade de Windsor. O nobre Sir John Falstaff, na mocidade pagem do Duque de Norfolk, ficou famoso pelas suas traquinices, na peça “A Alegres Comadres de Windsor”. Com esta obra, o compositor de “Otelo” contrariou cabalmente a previsão de Rossini, admirado, aliás, por Verdi, de que em tempo algum ele escreveria uma ópera cômica.”

“Trocando a tragédia pela comédia, Verdi escreve uma partitura que é um verdadeiro assombro de graça e ternura genial, um verdadeiro poema primaveril, tingido de uma filosofia sorridente e de humanismo confiante.”

No vigésimo primeiro dia de 1901, um novo século abria suas portas para o mundo. Verdi no Hotel de Milão, onde sempre era festivamente recebido. Abriu o guarda-roupa para trocar-se, teve mal súbito e caiu. Todo o seu lado direito foi paralisado. Por mais de seis dias o velho e robusto corpo batalhou a morte. Uma luta tremenda e dolorosa. O Prefeito milanês, numa sincera homenagem ao grande músico, mandou cobrir de feno e palha a rua defronte ao hotel, para não incomodar o amado herói nacional.

No dia 27, de madrugada, deu-se o desenlace. Na semi-penumbra do aposento, um vulto destacou-se, caminhando para a janela. Abriu-a de para em par e um frio gelado invadiu o ambiente, deixando entrar o adeus da multidão, triste, pesarosa, na despedida ao seu ídolo. Cabisbaixo e contrito, o saturno vulto retorna à cabeceira do ilustre morto. Era Arrigo Boito, o dedicado companheiro das últimas óperas. Quase num sussurro, murmurou: “La vita è breve ma la gloria è immortale!”.

O sepultamento se deu ao anoitecer, na “Casa de Repouso do Artista”, criada por ele. Sem música, com era seu desejo, e sem pompa, ao lado da esposa Giuseppina Strepponi.

Parte de sua grande fortuna, deixou para centros de caridade.

Lembrando, ainda, em 1873, por ocasião da morte do escritor e romancista italiano Alessandro Manzoni, que Verdi adorava como a um santo, o músico comprometeu-se com o Prefeito de Milão, a escrever uma missa de Requiem em homenagem ao dileto amigo. O ofício religioso realizou-se em 22 de maio de 1874, na Catedral de São Marcos, perante uma assistência contrita e numerosa. A obra é recheada de profundo sentimento fúnebre, até que poucas vezes pesaroso em se tratando de obra para igreja. “É o meu impulso do coração”, explicou o autor.

O Requiem é uma grande peça sinfônico-coral e não agradou a todos. Alguns o criticaram taxando-a de operística, teatral e barulhenta, portanto, não adequada ao ofício fúnebre.

Além do Requiem, o músico deixou algumas peças de caráter sacro:

O Quarteto de Cordas em mi menor escrito em Nápoles (1873); Quatro Peças Sacras; Te Deum; Pater Noster, 2 Ave Maria (uma delas a 4 vozes) ambas de 1880 e Laudi Alla Vergine (Canções em Louvor da Virgem).

Embora não referidas neste comentário, temos abaixo a relação de óperas por ordem de datas, títulos e locais de estréia:

- 1839 – “Oberto, Conde di S. Bonifácio” (Umberto, Conde de São Bonifácio) – Milão;
- 1840 – “Un Giorno di Regno” ou “Il finto Stanislão” (O Fingido Estanislau) – Milão;
- 1843 – “I Lombardi Alla Prima Crociata” (Os Lombardos da primeira cruzada) – Milão;
- 1844 – “Ernani”, – Veneza;
 - “I Due Foscari” (Os Dois Foscari) – Roma;
- 1845 – “Giovana d’Arco” (Joana D’Arc) – Milão;
 - “Alzira”, Napoles;
- 1846 – “Attila”, Veneza;
- 1847 – “I Masnadièri” (Os Bandoleiros) – Londres;
- 1848 – “Il Corsaro” (O Corsário) Trieste;
- 1849 – “La Bataglia di Legnano” (A Batalha de Legnano) – Roma
 - “Luiza Miller” (Luiza Miller) – Napole;
- 1851 – “Stiffelio” (Stiffelio) – Trieste;
- 1855 – “I Vespri Siciliani” (Vésperas Sicilianas) – Paris;
- 1857 – “Simion Boccanera” – (Premiada em 1881, em Milão) – estreada em Veneza;
- 1859 – “Un Ballo in Maschera” (Baile de Máscara) – Roma;
- 1862 – “La Forza Del Destino” (A Força do Destino) – São Petersburgo;
- 1867 – “Don Carlo” (Dom Carlos) – Paris;
- 1871 – “Aida” – Cairo;
- 1886 – “Ottelo” – Milão;
- 1893 – “Flastaff” – Milão.